

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANA CAROLINA SANTOS BOMFIM

**“MORENINHAS”: A MULHER IDEAL OITOCENTISTA**

SÃO CRISTÓVÃO – SE  
JUNHO DE 2021

ANA CAROLINA SANTOS BOMFIM

**“MORENINHAS”: A MULHER IDEAL OITOCENTISTA**

Artigo Científico apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe como exigência para obtenção do título de graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Augusto da Silva.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

JUNHO DE 2021

## **AGRADECIMENTOS**

Ao me tornar estudante da Universidade Federal de Sergipe um novo ciclo se iniciou em minha vida. Foram quatro anos de muitas realizações e aprendizados onde se fizeram presentes na minha trajetória, dentre momentos de altos e baixos, diversos desafios e questionamentos quanto à profissão que escolhi: a de formar cidadãos conscientes numa sociedade onde o professor nem sempre tem o seu valor reconhecido. Nesse sentido, após estes quatro anos, eu termino a graduação com a certeza de que fiz a escolha certa, pois acredito que junto com outros professores nós podemos transformar a realidade a partir da educação.

Assim, primeiramente eu gostaria de dedicar meus agradecimentos à minha família, especialmente aos meus pais, Luiz e Cely, e aos meus avós, Leandro, Ocízia, Luiz e Teresinha, que me incentivaram a seguir os meus sonhos e sempre priorizaram o investimento em minha educação. Sem o apoio deles eu não chegaria até aqui. Minha gratidão também é dirigida ao meu companheiro e amigo Renan, que sempre esteve do meu lado e acreditou em mim, me apoiando durante esta trajetória.

Eu não poderia deixar de expressar meus agradecimentos aos meus colegas de turma, especialmente às minhas amigas: Fernanda, Gabrielle, Giovanna, Gisellen, Maria Eduarda e Rose, além de meu amigo Jhonan, que sempre confiaram em mim para compartilharmos uns com os outros os nossos momentos de alegrias e de desafios. Juntos nós conseguimos tornar tudo mais leve.

Agradeço também ao Departamento de História (DHI) da Universidade Federal de Sergipe e aos professores que o compõe, de forma que todos contribuíram de alguma forma com a minha trajetória acadêmica.

Por fim, mas não menos importante, minha imensa gratidão ao meu orientador: Prof. Dr. Augusto da Silva, que sempre foi muito atencioso e empático e que me motivou durante todo este processo a dar continuidade ao tema escolhido, desde a disciplina “Metodologia da Pesquisa Histórica”. Além disso, sempre esteve presente para me auxiliar no que fosse necessário, contribuindo com riquíssimas sugestões que, com certeza, aprimoraram esta pesquisa.

## “MORENINHAS”: A MULHER IDEAL OITOCENTISTA

Ana Carolina Santos Bomfim<sup>1</sup>

### RESUMO:

O presente artigo tem como objeto de estudo a obra “*A Moreninha*”, que foi publicada em 1844 e escrita pelo romancista Joaquim Manuel de Macedo. Nesse sentido, foi feita uma investigação quanto ao ideal de conduta feminina que foi apresentado no romance, a partir do conceito de representação, proposto por Roger Chartier. Assim, a partir da identificação de aspectos da moral feminina que foram valorizados ou não por Macedo na obra, considerou-se a literatura enquanto fonte de acesso a estas características. Desta forma, elas estavam inseridas num contexto de formação nacional, onde algumas obras do Romantismo brasileiro, como “*A Moreninha*”, foram escritas com o objetivo de educar as leitoras. Por fim, chegou-se à conclusão de que Macedo representou um ideal de conduta ligado à castidade e à pureza.

**Palavras-chaves:** A Moreninha, Representação; Mulheres; Romantismo; Macedo

### ABSTRACT:

The object of this article is to study the book “*A Moreninha*”, which was published in 1844 and written by the novelist Joaquim Manuel de Macedo. In this sense, an investigation was carried out regarding the ideal of female behavior that was presented in the novel, based on the concept of representation proposed by Roger Chartier. Thus, from the identification of aspects of female morality that were valued or not by Macedo in the book, literature was considered as a source of access to these characteristics. In this way, they were inserted in a context of national formation, where some works of Brazilian Romanticism, such as “*A Moreninha*”, were written with the aim of educating the readers. Finally, it was concluded that Macedo represents an ideal of conduct linked chastity and purity.

**Keywords:** A Moreninha, Representation; Women; Romanticism; Macedo

---

<sup>1</sup> Graduanda da Licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe (DHI/UFS).

## 1. INTRODUÇÃO

O século XIX foi um período marcado por diversas mudanças. Na política brasileira a Independência, ocorrida em 1822, reflete um momento onde o distanciamento das influências de Portugal é colocado em pauta, estimulando a busca pela autenticidade do país que estava em transformação, inclusive nas artes. É nesse sentido que o Romantismo é pensado como um movimento de construção de uma literatura nacional, incorporando elementos que seriam tipicamente brasileiros, concomitantemente com a formação da nação.

Assim, formar moralmente os brasileiros, especialmente as mulheres, era tido como um projeto de suma importância. Sob este prisma, foram publicadas obras do gênero romântico onde alguns autores refletiam sobre o papel social a ser desempenhado pelas mulheres quanto à sua conduta. Dessa forma, são exemplos deste tipo de escrita autores como: Joaquim Manuel de Macedo, em “*A Moreninha*” (1844), bem como José de Alencar na trilogia “*Perfis de Mulher*”, na qual publicou os romances “*Lucíola*” (1862), “*Diva*” (1864) e “*Senhora*” (1875). Além de Machado de Assis em sua fase romântica, com a publicação da obra “*Helena*” (1876). Nestes romances, dentre outras características, eram apresentadas aos leitores condutas femininas que eram tidas como adequadas ou não a uma mulher do século XIX, especificamente ao retratar as mulheres abastadas.

Desta maneira, a obra: “*A Moreninha*”, publicada em 1844, por Joaquim Manuel de Macedo, retrata através de suas personagens características não apenas comuns à época – sendo algumas delas, por exemplo, as formas que os casais se relacionavam, o vestuário que usavam, como também aspectos do comportamento feminino que seriam moralmente bem vistos ou não. Nesse sentido, é comum que características do Romantismo como o uso de elementos da natureza para descrever os aspectos valorizados na beleza feminina, por exemplo, estejam presentes nas obras românticas deste período, de forma a exaltar elementos que transmitem a ideia de pureza e castidade ao leitor.

Por conseguinte, analisar o ideal de comportamento feminino proposto no século XIX pelo romancista citado, na obra: “*A Moreninha*”, envolve refletir sobre algumas características do movimento Romântico na literatura do Brasil oitocentista. Assim, sobre a incorporação de elementos da natureza, é Afrânio Coutinho (1986) quem aponta que: “No Romantismo, porém, essa incorporação obedece a um impulso consciente e coletivo, sob a égide do nacionalismo, agora exacerbado, contra Portugal, em favor da

autonomia literária e linguística.” (COUTINHO, 1986, p.324). Dessa maneira, havia intencionalidade na escrita das obras, de forma que não apenas a nação estava em foco, como também os integrantes dela, dentre eles, as mulheres.

Sob este prisma, é possível depreender que as obras que foram escritas no período do Romantismo brasileiro contêm elementos não apenas ficcionais, como também do mundo real, de maneira que os autores enquanto agentes de seu próprio tempo incorporam estas influências em sua escrita. Dessa forma, as mulheres são representadas na literatura oitocentista a partir de visões que vão desde a ideia de pureza e castidade, além dos demais comportamentos tidos como adequados, até condutas pouco valorizadas, como a insubmissão e a malícia.

Assim, a análise de romances é passível de depreender aspectos da moral feminina no século XIX, como sugere Antonio Cândido (1985) ao refletir sobre a obra “Senhora”, escrita por José de Alencar em 1875:

Trata-se da compra de um marido; e teremos dado um passo adiante se refletirmos que essa compra tem um sentido social simbólico, pois é ao mesmo tempo representação e desmascaramento de costumes vigentes na época, como o casamento por dinheiro. (CÂNDIDO, 1985, p.6)

A partir desta ideia percebe-se que existe uma relação entre o comportamento feminino nos romances e a realidade, seja ela vinculada ao que a sociedade acreditava que pudesse ser uma moral adequada, seja em relação a costumes próprios deste período. Destarte, ocorre que

[...] os leitores da mensagem ficcional seguem as grandes linhas-de-força das motivações que plasmam o seu cotidiano. Assim, a sede de reconhecer a própria vida sob o prestígio da letra de fôrma estimula um público que não será (ao mesmo tempo) o que busca no livro cenas e heróis longínquos e sobre-humanos para alimento de evasão. (BOSI, 1994, p.127)

Ou seja, o romance além de conter traços da ficção expõe elementos da realidade que causam o sentimento de identificação no leitor. Por conseguinte, refletir sobre esta questão leva, conseqüentemente, a ponderar sobre o que era esperado de uma mulher pela sociedade brasileira do século XIX. De certo que no contexto de formação da nação a preocupação com a moral feminina refletiria de maneira direta na educação daqueles que seriam o futuro do Brasil, os filhos. A mulher então deveria ser um modelo de boa influência e é nesse sentido que, em contraste com uma postura moralmente mal vista, ela deveria adotar o comportamento que

A mulher anjo, pelo contrário, goza prazeres mais íntimos, mais doces, mais santos, mais duradouros. Não procura a palma da vitória nesse torneio de formosura, a que é arena o passeio, o teatro, o baile. Não procura lisonjear a sua vaidade com os aplausos públicos; dedica os seus carinhos ao esposo e a sua vida desliza-se entre flores. (VERONA, 2013, p.31)

Dessa maneira, “*A Moreninha*” contém personagens femininas representadas por Macedo, de acordo com sua visão acerca das mulheres. Assim, além do acesso à escrita por mulheres reais ser ainda um processo socialmente pouco aceito no século XIX, a forma como este grupo era retratado é passível de sofrer interpretações estereotipadas (PERROT, 2007, p.17). De acordo com essa perspectiva, é evidente que nas obras ficcionais os traços reais podem ser combinados com diversas expectativas quanto ao comportamento feminino.

Por conseguinte, ao longo do século XIX, tanto em diversos romances quanto na realidade, a mulher era vista como alguém que não poderia, por exemplo, perder a virgindade antes do casamento, pois era socialmente condenada como indigna. Havia então uma gama de expectativas não apenas quanto à conduta feminina, como também quanto às vestimentas e ao formato do corpo (PERROT, 2007, p.47). Dessa forma, é possível inferir que as mulheres sofriam influência destes ideais tanto no dia a dia, quanto em seus momentos de lazer, onde a leitura de um livro poderia ser capaz tanto de reafirmar expectativas às quais elas já entravam em contato em outros contextos, assim como de educá-las a vigiarem seus próprios comportamentos (D’INCAO, 2004, p.236).

Nesse sentido, a análise de obras ficcionais compreendidas de forma a pensar na relação com o contexto o qual foram elaboradas é uma tarefa desempenhada por alguns autores como Nicolau Sevcenko, em sua “*Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*” (1995) e Sidney Chalhoub em “*Machado de Assis historiador*” (2003). Ambos os pesquisadores se depararam em suas análises com a possibilidade de utilização da literatura como fonte, de maneira a analisá-la criticamente, assim como demais documentos históricos, em busca da compreensão do período o qual foram produzidas.

Nicolau Sevcenko utiliza em sua abordagem obras dos autores Lima Barreto e Euclides da Cunha para analisar de que forma a recém proclamada República reverberava socialmente. Ou seja, a maneira como ambos os escritores enxergavam o novo regime. Sob este prisma, a investigação de Sevcenko é realizada através da relação entre História e Literatura, com o objetivo de compreender o período compreendido entre o final do século

XIX e início do XX, a partir de fontes que se distanciavam das versões oficiais – como documentos publicados pelo governo.

Por conseguinte, o procedimento adotado pelo historiador pautou-se na explicitação do contexto político e cultural do período, abarcando questões que vão desde os aspectos sociais, perpassando pelos econômicos até os políticos, como a tentativa de modernização do Rio de Janeiro e a condição de vida das camadas mais pobres. Estas análises têm como referência não apenas as fontes oficiais, expandindo a noção de documento para a literatura produzida no período, numa dicotomia entre os relatos produzidos pelo governo e os apresentados pelos intelectuais. Assim, sobre as obras produzidas entre o final do século XIX e início do século XX, por Euclides da Cunha e Lima Barreto, analisadas por Sevcenko (1985), o autor afirma que: “As posturas, as ênfases, as críticas presentes nas obras nos serviram como guias de referências para compreendermos e analisarmos as suas tendências mais marcantes, seus níveis de enquadramento sociais e sua escala de valores” (SEVCENKO, 1985, p.22).

Sidney Chalhoub em “*Machado de Assis historiador*” (2003) investiga alguns dos romances escritos pelo Bruxo do Cosme Velho, como “*Helena*” (1876), “*Iaiá Garcia*” (1878) e “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*” (1881) levando em conta estas obras enquanto fontes para a História. Nesse sentido, o autor apresenta uma abordagem de interseção entre História e Literatura. Assim, Chalhoub (2003) considera a ideia de que os elementos que buscava compreender, relativos ao período histórico o qual as obras foram escritas, estariam ao mesmo tempo buscando não apenas retratar algo, como também escrevendo a História. Tal princípio se apresenta inclusive no título ao considerar Machado de Assis um historiador.

A partir destes apontamentos, depreende-se que o uso da Literatura como fonte para a História é possível e passível de uma análise crítica, assim como as demais categorias de documentos. Por conseguinte, especificamente quanto à investigação da conduta ideal feminina, o romance escrito por Joaquim Manuel de Macedo, “*A Moreninha*”, é rica fonte de acesso ao que o autor considerava como sendo os aspectos ideais do comportamento feminino, assim como os que eram tidos por reprováveis.

Sob este prisma, Grecco (2014) aponta que:

É importante destacar a literatura como testemunho ou documento histórico, no sentido de valorizar a riqueza do texto ficcional como fonte que, de forma indireta, fala do mundo, através de uma linguagem metafórica e alegórica. O conteúdo narrativo do texto literário, por conseguinte, é expressão de formas de pensar e agir, dotado de credibilidade e significância. (GRECCO, 2014, p.46)

É nesse sentido que o conceito de representação, da forma como é proposto por Roger Chartier (2002), abarca a questão de que a ficção, nesse caso o romance, é passível de ser utilizado enquanto fonte histórica e participa da construção da realidade. Desta maneira, a obra “*A Moreninha*” permite que o historiador tenha acesso ao período no qual ela foi escrita, seja referente ao vocabulário da primeira metade do século XIX, seja em relação aos costumes vigentes. Por conseguinte, a representação literária é então uma parte do mundo real, de maneira que não é apenas uma forma de retratá-lo, já que o constrói, pois tem o potencial tanto de ser influenciada como de influenciar.

Acerca ainda da noção de representação, Chartier (2011) aponta que este conceito possui algumas formas de ser apreendido. Uma delas seria a ideia de que a representação significa um objeto que está ausente, ou seja, a imagem criada pela representação seria feita a partir de uma substituição. Ou seja, a representação é uma forma de chegar à identificação do objeto, mas não é ele.

Já numa outra concepção acerca do conceito citado, este estaria atrelado à noção de presença, no sentido de que “É a coisa ou a pessoa mesma que constitui sua própria representação” (CHARTIER, 2011, p.17), ou melhor, no caso do romance, a mulher da ficção é constituída a partir da mulher que vive na sociedade representada, porém, esta também se constitui a partir do ideal feminino presente no romance, numa troca mútua. Assim, Chartier aponta ainda que “o referente e sua imagem formam o corpo, são uma única coisa, aderem um ao outro (...)” (CHARTIER, 2011, p.17-18). Ademais, a partir das proposições de Louis Marin, Chartier (2011, p.18) apresenta ainda uma terceira opção, e mais adequada em sua opinião, que seria a junção das duas concepções acerca da representação.

Tal confluência seria a união da ausência do objeto representado e da presença ou “exibição” dele. Em outras palavras, a figura feminina oitocentista existe em sua realidade e a representada no romance “*A Moreninha*” passa a existir na ficção através da mulher “real”. Nesse encontro a mulher do “real” então é moldada conforme assimila as lições pedagógicas das personagens femininas de conduta ideal, no romance, ao passo que estas mulheres da ficção também são construídas a partir da imagem do real. Em suma, ambas se influenciam num ciclo contínuo de trocas entre o romance e a sociedade, na qual, diga-se de passagem, ele próprio está inserido.

Ainda nesse sentido, Chartier (2011, p.20) formula a noção de associação entre a representação e a mentalidade. Assim, haveria um caminho a ser percorrido na

construção da representação na mentalidade da sociedade, de forma que seriam três níveis. O primeiro seria a forma como se enxerga a realidade; depois os símbolos usados para representá-la e, por fim, a forma que este símbolo atua no meio no qual está inserido.

Ao transpor este modelo ao romance “*A Moreninha*”, depreende-se que Macedo possuía uma forma de enxergar a realidade, ou seja, a mulher oitocentista. Por conseguinte, ele utiliza símbolos para realizar uma representação deste objeto, no caso, adjetivos que caracterizam positiva ou negativamente a mulher em seu romance. Com isso, esses símbolos criados a partir do que seria o ideal feminino se materializam em forma de influência na sociedade.

Ou seja, a partir da ideia de que “*A Moreninha*” é uma obra de caráter pedagógico, que visa educar o leitor, as representações contidas nela são capazes de atuar socialmente ao forjar determinadas condutas femininas que eram postas em prática tanto por mulheres reais quanto pelas construídas na ficção, mas que tinham como principal objetivo moldar o comportamento dos indivíduos que não se encaixavam nesse ideal.

Assim, é importante ressaltar a concepção de que a obra literária é um produto da sociedade na qual ela está inserida (LE GOFF, 1990, p.545). Dessa forma, há uma troca mútua de influências entre o romance e a realidade ao passo que ele próprio faz parte do meio. Ou seja, a obra faz parte do real e contribui com a composição da realidade, mas também é criada a partir dela. “*A Moreninha*” então contribui com a construção da mulher oitocentista, pois vai além da mera representação e é justamente a intenção pedagógica deste romance que reflete esta ideia.

Sobre esta noção, de que a obra influencia o real, ou seja, o leitor do romance, Chartier (2002) aponta que:

No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo. (CHARTIER, 2002, p.24)

Sendo assim, a noção de que uma obra e a sociedade que a produz estão imbricadas é essencial, pois não há separação entre ambos os elementos. Então, a construção da mulher do século XIX, a partir de um ideal, é influenciada tanto pelo contexto em que vive quanto por seu produto: a literatura, ao passo que ambos vão moldando determinada moral.

Desta maneira, autores como Joaquim Manuel de Macedo, além de outros romancistas, poderiam, por exemplo, a partir de sua escrita inclusive reafirmar ou criar ideias de dominação (CHARTIER, 2009, p.51-52). Estas concepções de dominação, especificamente no romance “*A Moreninha*”, se inserem na questão do contexto social, de maneira que o romance poderia reforçar, por exemplo, uma postura de submissão feminina. Assim, estas ideias influenciariam de maneira decisiva a época em que o romance foi escrito, tendo em vista que qualquer obra literária está inserida na sociedade a qual a produz, através de uma troca de influências.

Sob este prisma, Bourdieu aponta que “(...) a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente através de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade social.” (BOURDIEU, 2007, p.447). Em outras palavras, a representação está atrelada à realidade que a produz. Assim, a concepção de Bourdieu (2008, p.108) acerca do conceito de representação e formas de poder dialoga com a noção de representação proposta por Chartier, pois não apenas coloca o conceito como parte da realidade, como também chama a atenção para as lutas pelo poder de representar. Poder este que no romance “*A Moreninha*” está atrelado ao caráter de expectativa de transformação da realidade a partir da concepção feminina ideal proposta por Macedo, que seria a de uma mulher doce e que valoriza o casamento, em contraponto a comportamentos tidos como inadequados como a fofoca, por exemplo. Assim, em “*A Moreninha*”, há a representação feminina a partir da concepção de um homem, Macedo, que pertenceu a um grupo e classe social específicos, sendo eles: o de intelectuais da época, que tinham prestígio social e condições financeiras consideráveis.

Ademais, a partir da noção do poder que a representação gera, Bourdieu e Chartier acreditam que as representações são formas de compreender a realidade a partir do grupo que a representa (CARVALHO, 2005, p.149). Nesse caso, o romancista Macedo está exercendo a figura de representante do que parte da sociedade brasileira oitocentista acreditava ser a conduta adequada ou não ao comportamento feminino.

Por conseguinte, “*A Moreninha*” é um romance que está inserido numa sociedade onde a questão do gênero masculino como superior e a mulher como frágil é uma temática presente. Dessa maneira, a construção de Macedo acerca de um ideal de conduta feminino a ser seguido pode ser interpretada como um reflexo da continuidade da ideia de que a mulher não poderia assumir determinadas posturas. Assim, lança-se a hipótese de que a mulher, que é representada por Macedo, pode ser apresentada numa perspectiva tradicional, de submissão, ou a partir de uma postura menos conservadora.

Sob este prisma, a proposta deste artigo é compreender de que forma a mulher é representada no romance “*A Moreninha*”. Tal análise tem como base a verificação de quais características femininas eram exaltadas ou mal vistas por Macedo, a partir do romance em questão, e partindo do pressuposto de que a literatura é uma fonte histórica que permite ao pesquisador acessar a época a qual a produziu. Visando alcançar este objetivo, serão apontadas ao longo do artigo quais características femininas foram apresentadas de forma positiva ou negativa, a partir da observação de elementos como: possíveis ambiguidades e transformações da representação feminina ao longo do romance, por exemplo. Assim, considera-se o uso do conceito de representação, na análise, enquanto uma forma de acessar a realidade, a partir de um produto dela própria: o romance.

## 2. O “DOUTOR MACEDINHO” E SUA TRAJETÓRIA

Objetivando compreender melhor a obra “*A Moreninha*”, é necessário conhecer quem a escreveu. Joaquim Manuel de Macedo nasceu em 24 de Junho de 1820, no Rio de Janeiro, especificamente em Itaboraí, e faleceu em 11 de Abril de 1882. O autor não tinha origem abastada e era filho de Severino Macedo de Carvalho, cuja profissão era a de boticário, e de Benigna Maria da Conceição.

Em sua juventude, o autor estudou Medicina no Rio de Janeiro, formando-se em 1844, ano em que escreve o romance “*A Moreninha*”, que obteve grande prestígio no período. Essa mudança para a corte suscita no autor a inspiração para elaborar o romance em questão, que era de caráter urbano, tendo em vista que a cidade do Rio de Janeiro é explorada em seus aspectos e estes são refletidos na obra, seja nos costumes exibidos, seja nos espaços de interação social.

Em 1845, torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), tendo, assim, o prestígio da elite intelectual oitocentista. É José de Alencar, por exemplo, quem confessa sua admiração por Joaquim Manuel de Macedo, de forma que este seria uma das suas inspirações para a escrita de romances desde a juventude, como ele mesmo aponta na obra “*Como e porque sou romancista*”:

Que estranho sentir não despertava em meu coração adolescente a notícia dessas homenagens de admiração e respeito tributados ao jovem author da *Moreninha*! Qual regio diadema valia essa aureola de entusiasmo á cingir o nome de um escriptor? (ALENCAR, 1893, p.27-28)

Assim, o “doutor Macedinho”, não deu continuidade à carreira de médico e ao longo de sua vida se dedicou a outros ofícios como o de escritor em jornais e revistas, como a “*Minerva Brasiliense*”. Na década de 1840, lança a revista “*Guanabara*”, em conjunto com Porto Alegre e Gonçalves Dias, que continha artigos publicados que versavam sobre temas diversos como: botânica, mineralogia, além da divulgação de poemas e críticas literárias. Ainda em 1849, Macedo torna-se professor de História e de Geografia no Imperial Colégio Pedro II - cargo este que era ocupado apenas por intelectuais de renome.

Em 1850, Macedo entra para a família do poeta Álvares de Azevedo ao se casar com Maria Catarina Sodré, que era prima do poeta. Ela que teria sido, inclusive, uma de suas inspirações para construir a personagem Carolina, em “*A Moreninha*” (BOSISIO, 2007, p.20). Na política, ao fazer parte do Partido Liberal, já atuou como deputado da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro e da Assembleia Geral Legislativa.

Além de escrever romances, o autor se dedicou à publicação de livros instrutivos, como: “*Lições de História do Brasil para uso dos alunos do Imperial Colégio Pedro II*” (1861) e tornou-se um romancista prestigiado ao ponto de ser o patrono da cadeira de número 20 na Academia Brasileira de Letras (ABL). Assim, a importância deste autor reverbera não apenas na Literatura, como também na História, ao passo que Bosisio (2007) o considera um historiador, por conta das contribuições relevantes que se empenhou em deixar ao desenvolver pesquisas no IHGB. Investigações estas que buscavam a valorização e a preservação do passado, especialmente quanto à História do Brasil (BOSISIO, 2007, p. 115).

“*A Moreninha*” foi publicada em 1844, sob a forma de folhetim no “*Jornal do Commercio*”, ocasionando grande sucesso e boa recepção por parte da sociedade. Esse êxito se traduz, por exemplo, em suas aproximadamente 40 reedições (BOSISIO, 2007, p.99). Assim, em 1844, o romance é publicado em sua primeira edição sob a forma de livro, pela Tipografia Francesa, cujo público alvo era as leitoras (MONTE, 2013, p.38).

Em 1845, houve o lançamento da 2ª edição, cujo editor era Hermano Dutra e Mello. No anúncio do dia 28 de Outubro do mesmo ano, o *Jornal do Commercio*, anuncia que “*A Moreninha*” estava sendo vendida por 2\$500. No ano de 1864 chega ao público a 4ª edição, onde houve uma mudança no editor, que passa a ser Domingos José Gomes de Brandão. Por conseguinte, em 1872, a 5ª edição é lançada. Em 1868, por exemplo, o

romance chegou a ser vendido por 3\$000, como aponta um anúncio do *Jornal do Commercio*, do dia 15 de Julho do mesmo ano.

Ainda sobre o sucesso do romance pode-se considerar que a recepção se deu de forma exitosa, ao passo que ainda no anúncio do dia 28 de Outubro de 1845, no “*Jornal do Commercio*”, a obra é descrita como uma leitura digna para o público feminino. No mesmo periódico, no dia 14 de Dezembro de 1848, é anunciada uma adaptação teatral ao romance “*A Moreninha*” que seria exibida no Teatro de São Januário, e que acreditavam ter sido elaborada pelo próprio Joaquim Manuel de Macedo. Entretanto é na edição do dia 18 de Dezembro de 1848, que há a descoberta de que, na verdade, a peça foi adaptada por um “curioso”, como o próprio periódico denomina. Assim, nesta notícia explicativa sobre a verdadeira autoria da peça adaptada a partir de “*A Moreninha*” percebe-se elogios direcionados a Macedo, como “distinto” e “talentoso”, assim como para o romance em questão que é classificado como “excelente”.

A partir destes adjetivos percebe-se que o público leitor e a crítica apreciavam o romance escrito por Macedo. Deste modo, é comum encontrar em outras edições do “*Jornal do Commercio*”, o lançamento de outras obras do romancista em questão sempre com a seguinte referência: “Autor da *Moreninha*”. Como exemplo, o anúncio do dia 28 de Agosto de 1849, faz menção ao lançamento do drama “*O cego*”, de forma que ao citar quem é o autor da obra, o nome de Macedo é associado ao romance “*A Moreninha*”. Nesse sentido, é possível depreender que o público que consumia as notícias do “*Jornal do Commercio*”, associava a figura de Macedo ao seu primeiro romance, indicando que tal obra tinha um reconhecimento considerável pela sociedade letrada.

Outro fator indicativo desta recepção exitosa do romance “*A Moreninha*” é a crítica escrita pelo intelectual Dutra e Mello sobre a primeira edição da obra, na revista “*Minerva Brasiliense*”. Dentre outros aspectos, Mello aponta que:

Vê-se que huma facilidade, huma simpleza, hum não-sei-que de franco, de interessante, de desempleado, são os dotes principaes do estylo em que he manejada a *Moreninha*; e tal julgamos nós ser o character do autor. Longe a affectação, os campanudos vocábulos longe o amaneirado arcaísmo e o assustador neologismo, - Linguagem casta e severa, acção viva e seguida, rigida moral, côr apropriada – eis o que nos cumpre. (DUTRA E MELLO, 1844, p.750)

A partir deste trecho, é possível perceber que o romance de Macedo foi avaliado de maneira positiva por Dutra e Mello, de forma que tanto a escrita e os aspectos formais quanto a construção da personagem Carolina foram elementos que obtiveram boa

recepção. Ainda sobre esta crítica, Almeida (2008, p.29) aponta que: “A virtude do romance de Macedo é que ele apresenta aquilo que para o crítico, em consonância com as prescrições retóricas (que falam da importância de persuasão pelo exemplo), contribui para a educação moral (...)”.

Sob este prisma, Nascimento e Silva (2017) destacam que estes fatores morais foram decisivos para a obra tornar-se tão bem recebida na sociedade oitocentista brasileira, assim como o caráter nacionalista explícito ao longo do romance. Dessa forma, este aspecto foi refletido no comportamento da personagem Carolina, pois “Acredita-se que todos estes valores contribuíram para uma boa recepção da obra desde a sua publicação até os dias atuais, a exemplo de D. Carolina com suas travessuras, que fogem dos padrões das heroínas românticas de sua época.” (NASCIMENTO e SILVA, 2017, n.p)

Ademais, ainda sobre os aspectos valorizados pela sociedade do século XIX quanto à crítica ao romance “*A Moreninha*”, outro fator que era levado em conta e bem visto, eram os costumes da época retratados na obra. Assim, para além das características voltadas a moralidade e à nacionalidade, o cotidiano e os locais onde o romance é retratado tornavam-se elementos de identificação para o público leitor (DIAS, 2012, p.22).

Por conseguinte, considerando estes apontamentos, infere-se que a moral feminina presente em “*A Moreninha*” agradou grande parte da sociedade oitocentista. Deste modo, aspectos como a castidade e a ingenuidade de Carolina fazem parte das características valorizadas tanto pelos leitores quanto pela crítica, tendo em vista que era um romance voltado para o público feminino e considerado como uma leitura adequada a esta categoria, como o anúncio do “*Jornal do Commercio*” exemplificou.

Assim, quanto à análise da obra, será utilizada a 6ª edição da editora Martin Claret, publicada em 2011, através da coleção “A obra-prima de cada autor” e que contém o texto integral do romance. Nesse sentido, as diferenças quanto à edição original são voltadas para aspectos relativos à estética da capa e à linguagem, que foi atualizada para o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que foi oficializado em 2016. Outra diferença é a casa editorial, já que na primeira edição, de 1844, “*A Moreninha*” foi lançada pela Tipografia Francesa. Além disso, a edição que será utilizada conta com uma apresentação que abarca alguns tópicos como: informações sobre a biografia de Joaquim Manuel de Macedo, um resumo sobre a publicação do romance no século XIX, além de sucintos apontamentos acerca do romantismo oitocentista. Portanto, considera-se que a análise desta edição é possível de ser realizada, tendo em vista que apresenta o texto de forma integral.

### 3. ANÁLISE DA OBRA

O romance “*A Moreninha*” apresenta a história de Filipe, Fabrício, Leopoldo e Augusto - quatro jovens estudantes de Medicina, no Rio de Janeiro oitocentista, que a partir de uma aposta se veem desafiados a uma empreitada romântica numa ilha próxima à corte. Tudo começa quando os quatro amigos compartilham suas histórias e estratégias românticas em uma noite descontraída. Assim, eles descobrem que Augusto não tinha a pretensão de se envolver seriamente com nenhuma mulher, alegando que era imune ao amor.

É a partir daí que Filipe convida os amigos a passarem um feriado na casa de sua avó, D. Ana, que mora junto com a neta Carolina, numa ilha. Assim, ele convence os demais jovens a aceitarem o convite ao expressar que suas primas estariam presentes durante as festividades. Então, inebriados pelas descrições físicas das jovens, Augusto é desafiado pelos amigos a não se apaixonar. Caso ele perdesse, ou seja, se alguma mulher mexesse com seus sentimentos amorosos, Augusto deveria escrever um romance. Já se ele não se apaixonasse por ninguém, Filipe é quem escreveria. Ambos aceitam a aposta. Assim, a história se desenvolve durante os dias em que os quatro jovens aproveitam sua estadia na casa de D. Ana, onde ocorrem situações inesperadas pelos estudantes.

A partir do desenvolvimento da história é possível depreender descrições e características femininas, tanto físicas como comportamentais, que apresentam indícios do que era tido pelo escritor Joaquim Manuel de Macedo como adequado ou não à conduta feminina. Assim, fica explícito que o autor buscava expor uma função moralizadora a partir de “*A Moreninha*”. É nesse sentido que Sales (2003, p.59) explicita que Macedo via com bons olhos o fato de seu romance agradar principalmente as mulheres. A autora aponta ainda, acerca da função dos romances: “(...) que não requisitasse maiores reflexões e que auxiliasse na formação da moral conforme os limites estabelecidos pelos mediadores da leitura feminina, pais, maridos e a Igreja.” (SALES, 2003, p.63).

Nesse sentido, foram percebidas características femininas no romance escrito por Macedo, relativas à aparência, ao comportamento e às habilidades das mulheres, de forma que todas elas se relacionam com a representação do modelo ideal feminino para o autor. Além disso, percebe-se um aspecto muito interessante, que é a valorização da juventude em detrimento do envelhecimento. Assim, durante a noite em que eles decidem

passar o feriado na ilha, um diálogo entre Filipe e os amigos chama a atenção. Na página 20 Augusto demonstra que as idades das primas e da irmã de Filipe também são um atributo assim como as características físicas. Isto em contraponto a brincadeira que Fabrício faz com Filipe na página 19, onde a avó dele, por ter 60 anos, parece ser interessante apenas pelos bens que possui como mostra o trecho a seguir:

- Augusto, minha avó é a mais velha patusca do Rio de Janeiro.
- Sim?... que idade tem?
- Sessenta anos.
- Está fresquinha ainda... Ora... se um de nós a enfeitiça e se faz avô de Filipe!...
- E ela, que possui talvez seus 200 mil cruzados, não é assim, Filipe? Olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar comigo – disse Fabrício –, juro que mais depressa daria o meu “recebo a vós” aos cobres da velha, do que a qualquer das nossas “toma-larguras” da moda. (MACEDO, 2011, p.19)

A partir da leitura evidencia-se que o que mais importaria a Fabrício seria a condição financeira de D. Ana, ao passo que quando os quatro amigos conversam sobre as jovens damas da sociedade carioca oitocentista o que sobressai é a questão da beleza, como é explicitado no seguinte diálogo em que Augusto comenta a descrição de Filipe sobre as primas e a irmã:

- Que interessante terceto – exclamou em tom teatral Augusto –; que coleção de belos tipos!... uma jovem com 17 anos, pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loira... de olhos azuis...faces cor-de-rosa...e...não sei que mais; enfim, clássica e por isso bela. Por último, uma terceira de 14 anos... moreninha, que, ou seja romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de, por força, ser interessante, travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas aos mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração pitorra!... Está tratado... não há remédio... Filipe, vou visitar sua avó. (MACEDO, 2011, p.20-21)

A partir dos dois trechos, percebe-se que ao comentarem sobre a beleza das moças Joana, Joaquina e Carolina há um fascínio quanto à idade das jovens. E este encantamento entra em contraste com o fato da descrição de D. Ana ser voltada apenas para sua condição financeira e a sua idade, demonstrando que seriam os únicos aspectos relevantes para os jovens sobre a avó de Filipe. Ainda nesse sentido, ao atentar-se aos adjetivos utilizados nas descrições das moças percebe-se a valorização da pele de cor branca que é caracterizada como “pálida”, além de outros traços europeus como os olhos azuis.

Porém, há de ser atentar que, o fato da personagem principal não possuir as características europeias, demonstra uma valorização por parte de Macedo da beleza

brasileira (BOSISIO, 2007, p.101), pois Carolina tinha olhos e cabelos pretos e não possuía a pele tão clara quanto à das demais damas. Assim, ao longo da obra o próprio comportamento da jovem vai se destacando e ela ganha em algumas passagens um ar de pureza e castidade, que se contrapõe a alguns hábitos das outras jovens que eram tidos como fúteis.

Assim, quando os jovens chegam à ilha, se deparam com a anfitriã D. Ana e uma amiga D. Violante, que é descrita por Augusto como: “D. Violante era horripantemente horrenda, e com sessenta anos de idade apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperrada criança.” (MACEDO, 2011, p.37).

Outro trecho que toca na questão da desvalorização da idade é quando o narrador do romance, que posteriormente descobre-se que é Augusto, compara as jovens a flores e a avó de Filipe, assim como algumas amigas dela, como "rosas murchas". Nesse sentido há uma oposição entre a mulher jovem, representada por Carolina e suas primas, e a mulher idosa:

A sala estava ornada com boa dúzia de jovens interessantes e pareceu ao estudante um jardim cheio de flores ou um céu semeado de estrelas. Verdade seja que, entre esses *orgulhos* da idade presente, havia também algumas rugosas representantes do tempo passado; porém isso ainda mais lhe sanciona a propriedade da comparação, porque há muitas rosas murchas nos jardins e estrelas quase obscuras no firmamento. (MACEDO, 2011, p.35)

Assim, um dos traços que foram apontados como algo negativo por Macedo no romance é o fato de D. Violante gostar muito de conversar, ao ponto de ser considerada como inconveniente por Augusto. Ele então, como vingança, acaba por zombar dela ao dar um falso diagnóstico de hemorroidas na frente de todos, quando ela insiste para que Augusto a examine. Assim, essa conduta feminina de D. Violante representa um tipo de comportamento visto como algo inadequado a uma mulher e entra em contraste com a educação com que D. Ana recebe os seus convidados em sua casa, por exemplo (AUGUSTI, 1998, p.120). Nesse sentido, Macedo exemplifica a representação de comportamento que não deve ser reproduzido pelas damas que leem o romance, em oposição a outro que é considerado como agradável.

Por conseguinte, outro traço da moral feminina que é explícito no romance como adequado é a valorização da castidade da mulher. Nesse sentido, para se referir às moças presentes na sala onde estavam Fabrício e Augusto, durante um momento de interação social entre todos, é o narrador quem diz:

Ainda que não houvesse nele muita generosidade, estava para desarmá-lo o poder indizível da inocência, o poderoso magnetismo de vinte olhos belos como o planeta do dia, a influência cativadora da formosura em botão, da beleza virgem ainda, de um anjo enfim, porque é símbolo de um anjo a virgindade de uma jovem bela. (MACEDO, 2011, p.41)

A partir deste trecho, o autor expressa uma das características do Romantismo brasileiro, que é a representação feminina a partir de uma postura de castidade, de exaltação, a partir da figura de uma mulher que é comparada a um anjo (COUTINHO, 1986, p.306). Assim, depreende-se também que na sociedade oitocentista carioca a valorização da virgindade, atrelada à pureza, era algo muito buscado. Sob este prisma, Perrot (2007, p.45) aponta que durante o século XIX, havia uma espécie de “obsessão” pela castidade feminina, de forma que perder a virgindade antes do casamento seria um sinal de redução do valor da mulher perante a sociedade.

Assim, haveria as mulheres que seriam como sinônimos de anjos e outras classificadas como demônios. Nesse sentido, há uma passagem do romance onde Filipe atrela a beleza feminina de suas primas a algo voltado para a malícia e ao encantamento: "Ora... O que poderão ser senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?" (MACEDO, 2011, p.20). Nesse sentido, a beleza também poderia ser vista como um artifício praticado por mulheres que seriam “feiticeiras” que encantam. Entretanto, entre essa diferenciação da mulher como anjo e como demônio haveria um fator que ia muito além da beleza, que estaria atrelado ao comportamento social feminino. Ou seja, a beleza poderia ser atrelada à castidade dependendo da conduta exercida pela mulher, pois tanto a mulher anjo como a mulher demônio poderiam ser belas, o que as diferenciava seria o comportamento.

Nesse sentido, Verona (2013, p.31) aponta que as mulheres que frequentavam espaços como teatros, bailes e demais eventos sociais eram vistas como fúteis, pois dariam mais valor aos bens materiais e à exibição de suas vestimentas. Elas entrariam em oposição ao modelo feminino representado pela mulher que valorizava o ambiente doméstico, de forma que: “A verdadeira rainha do lar deveria repudiar o que não fosse recato, discrição e virtude.” (VERONA, 2013, p.34).

Assim, estes apontamentos contribuem para a percepção do contraste que há entre a figura de Moreninha e das demais moças que se hospedam na casa de D. Ana. Nesse sentido, Moreninha é retratada como uma jovem que prefere se isolar das demais damas, que não se interessa por conversas sobre eventos sociais. Por conseguinte, por mais

que tenha comportamentos tidos como zombeteiros e até em alguns momentos fale algo considerado como inadequado, ela também é representada como uma jovem bondosa conforme o romance avança.

Sobre os comportamentos das outras damas tidos como fúteis há um trecho onde Augusto precisa se esconder embaixo da cama para não ser pego no quarto das moças e é durante este período que ele escuta diversos segredos e fofocas. Assim, ele ouve um diálogo onde as jovens inclusive falam mal de outras:

- Têm visto muita coisa boa. Olhe, não é por falar, mas, por exemplo, há objeto mais interessante do que D. Luísa mostrar-se gorda, esbelta e benfeita?
- É um saco!...
- E como é feia!...
- É horrenda!
- É um bicho!
- E não vimos a filha do capitão com sua dentadura postiça?... Agora não faz senão rir!...
- Coitadinha! Aperta tanto os olhos!
- Se ela pudesse arranjar também um postiço para o queixo!
- Ora, D. Clementina, não me obrigue a rir!...
- D. Joaquina, vocês reparou no vestido de chalm de D. Carlota?... Quanto a mim está absolutamente fora de moda. (MACEDO, 2011, p.93).

Assim, a partir deste diálogo percebe-se que estas damas representadas na obra costumam frequentar os bailes e estão atualizadas quanto aos assuntos da corte, de forma que fazem fofocas acerca de outras mulheres e compartilham suas opiniões. Mas, este comportamento não era bem visto na sociedade brasileira oitocentista, tendo em vista que ao longo do tempo a mulher era vista como alguém que não deveria falar demais, nem fazer fofoca, pois haveria a concepção de que “Primeiro mandamento das mulheres: a beleza. “Seja bela e cale-se”, é o que se lhe impõe, desde a noite dos tempos talvez.” (PERROT, 2007, p.48). Nesse sentido, há uma discrepância entre o comportamento de Moreninha, que passa seus dias na ilha e não demonstra se interessar por bailes e fofocas e a conduta das jovens que frequentam os espaços sociais.

Ainda sob este prisma, depreende-se, a partir dos apontamentos sobre beleza e idade presentes nos trechos destacados do romance “A *Moreninha*”, que beleza e comportamento/conduta se interligam. Tal vinculação está relacionada à ideia de uma dicotomia entre: mulher feia que apresenta comportamentos inadequados e que não é jovem, versus mulher bonita, educada e juvenil. Dessa forma, o primeiro grupo seria representado por Macedo através da personagem D. Violante e o segundo por personagens como D. Joana, D. Joaquina e Carolina.

Ou seja, beleza e bons modos seriam elementos ideais ao gênero feminino, de forma que, além disso, estas características deveriam estar associadas à pureza e à castidade. Portanto, nota-se, inclusive, uma diferença quanto à representação de Carolina e das demais moças no sentido de que Moreninha ao longo do romance parece estar sempre em maior destaque, por apresentar estas características exaltadas de forma ainda mais ideal do que as outras damas.

Uma das ocasiões dessa percepção é apreendida quando Macedo a coloca como a “princesa daquela festa” (MACEDO, 2011, p.118) no capítulo onde narra o sarau, ao descrever a personagem como alguém que apresenta maior evidência perante as outras damas justamente por não se enfeitar demasiadamente. Ademais, o narrador ainda a coloca como “Vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as atenções.” (MACEDO, 2011, p.118). Tal destaque então era relacionado à exposição da beleza natural de Carolina, em contraste com os diversos enfeites seja nos cabelos, seja nos vestidos e joias das demais damas.

Em outros trechos da obra Carolina também é apresentada como uma jovem que, apesar de representar comportamentos que em alguns momentos até fogem ao que era esperado, ainda assim, representaria cada vez mais características voltadas ao ideal de bondade e pureza. Dessa forma, ainda que suas condutas fossem tidas como as de uma menina travessa, os comportamentos da personagem tidos como adequados destoavam das atitudes apresentadas pelas demais damas.

Outra amostra é quando, por exemplo, enquanto as moças fofocam no quarto, Carolina não se interessa por estar presente e fica no jardim, de forma que logo depois quando ocorre um imprevisto com Paula, personagem que era tida por Moreninha como mãe, a menina é a primeira a socorrer a mulher que estava bêbada. Neste trecho a bondade de Carolina é exposta, pois o narrador aponta que:

Belo espetáculo era ver essa menina delicada, curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com sossego, mergulhando suas mãos, tão finas, tão lindas, nessa mesma água que fizera lançar um grito de dor à escrava, quando aí tocara de leve com as suas, tão grosseiras e calejadas!... Os últimos vislumbres das impressões desagradáveis que ela causara à Augusto de todo se esvaíram. Acabou-se a criança estouvada... ficou em seu lugar o anjo de candura. (MACEDO, 2011, p.109).

Sobre esse apontamento do narrador acerca da mudança de visão que Augusto tinha sobre Carolina, no trecho destacado acima, evidencia-se um aspecto interessante da mudança gradual de perspectiva que ocorre com a representação da personagem ao longo

da obra. Há uma ambiguidade acerca da visão de Augusto sobre a moça desde o início do romance, que ao mesmo tempo, vai se transformando progressivamente numa visão cada vez mais positiva sobre Carolina. Um dos trechos onde tal ambiguidade é exposta é numa conversa que ocorre entre Augusto e Leopoldo antes do acontecimento citado anteriormente, onde Paula é socorrida bêbada por Moreninha. Assim a conversa entre os dois amigos ocorre após um jantar na ilha:

- E o que pensas da irmã de Filipe?
- A melhor resposta que te posso dar, é... não sei... porque, ao meio-dia, a julgava travessa, importuna e feia, mas era-me completamente indiferente...
- À 1 hora? ...
- Eu a supus estouvada e desagradável.
- Às 2 horas? ...
- Má, e desejava vê-la longe de mim.
- Durante o jantar? ...
- Fui achando-lhe algum espírito e acusei-me por havê-la julgado feia.
- E agora?
- Parece que me sinto inclinado a declará-la engraçada e bonitinha.
- E daqui a pouco?
- Eu direi... (MACEDO, 2011, p.55-56)

O trecho destacado acima é mais uma evidência de que a conduta e a beleza eram duas percepções complementares, pois há uma ambiguidade entre a Carolina que durante uma parte do dia foi vista como “feia” e “desagradável” versus a mudança de imagem para uma Moreninha vista como “engraçada” e “bonitinha”. Assim, a conduta feminina de recato e pureza deveria estar associada à ideia de beleza, principalmente, a partir da valorização dos traços naturais.

As condutas de Moreninha tidas por inadequadas acabavam sendo consideradas mais como representações de atos de travessura do que de maldade, de forma que assim a ambiguidade da visão acerca da personagem torna-se tão volúvel. É nesse sentido que D. Clementina a descreve, durante um jantar na casa de D. Ana, como: “ – Ela é travessa como o beija-flor, inocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa como... uma mulher.” (MACEDO, 2011, p.47). Assim, durante o mesmo jantar, Moreninha apresenta um comportamento tido como inadequado:

- A respeito do tato, não direi palavra – continuou a terrível Moreninha –; porque, se as mãos do Sr. Augusto conservaram-se em justa posição, quem sabe os transes porque passariam os pés de minha prima?... Os Srs. estão tão juntinhos, que com facilidade e sem risco se podem tocar por baixo da mesa.
- Menina! – exclamou a Sra. D. Ana, com acento de repreensão. (MACEDO, 2011, p.50).

As críticas empreendidas no século XIX sobre a presença da moral no romance “A *Moreninha*”, como sendo um ponto positivo, condizem com o comportamento de Carolina em trechos como, por exemplo, ela não permite que um homem a abrace durante um jogo:

A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca; mil vezes barulhenta, perturbava a ordem dos jogos, de modo que era preciso começar de novo o que já estava no fim; outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos que lhe impunham, não deu um só beijo e aquele que atreveu-se a abraçá-la, teve em recompensa um beliscão. (MACEDO, 2011, p.111)

Tal conduta representa a dualidade de uma personagem que, ao mesmo tempo, que expressa o seu lado travesso, também demonstra uma conduta muito ligada à castidade e à bondade. Um exemplo desta benevolência é o trecho a seguir, no qual Moreninha ainda criança faz uma doação à família de um homem pobre prestes a morrer, conforme narra Augusto:

[...] E instintivamente a minha interessante companheira tirou do bolso do seu avental uma moeda de ouro e, dando-a à velha, disse:  
- Foi meu padrinho que me deu hoje de manhã... eu não preciso dela... não tenho fome. (MACEDO, 2011, p.64)

Estas facetas de Carolina, tanto de travessa quanto de casta, teriam agradado a crítica e se diferenciado de outras personagens criadas em outras obras do século XIX no Brasil (NASCIMENTO e SILVA, 2017, n.p). Assim, Carolina representaria, portanto, um ideal de mulher ligado à ideia de pureza, de ingenuidade, jovialidade e de uma beleza que se distanciava das características europeias.

Ademais, Bosi (1994, p.129) aponta que Macedo, assim como outros romancistas, expressava em suas obras os costumes da burguesia oitocentista do Rio de Janeiro, ou seja, hábitos do cotidiano destes indivíduos. Isto é expresso, por exemplo, no sarau que é oferecido por D. Ana. Neste evento, o narrador cita que

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidade; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto. Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa. (MACEDO, 2011, p.117-118)

A partir deste trecho depreende-se que os saraus eram um tipo de divertimento por parte das famílias cariocas abastadas, de forma que era comum ser um ambiente ocupado por indivíduos socialmente bem vistos. Ainda nesse sentido, há um trecho da narração acima que foca na questão das moças se preocuparem acerca da imagem que passariam aos demais participantes do evento social e isto está relacionado com a percepção que teriam da conduta feminina. Assim, nestes eventos a preocupação feminina se fazia presente, pois as mulheres eram avaliadas quanto aos seus comportamentos e modos (D'INCAO, 2004, p.228) de forma a tentarem agradar possíveis pretendentes.

Há ainda um contraste apontado pelo narrador entre as demais moças e a personagem Carolina, de forma que ela é representada como uma mulher simples, recatada em sua beleza, de forma a não chamar a atenção através de acessórios como joias e sim a partir de seus próprios atributos naturais, como mostra o trecho a seguir:

Enquanto as outras moças haviam esgotado a paciência de seus cabeleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da Rua do Ouvidor e coberto seus colos com as mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabelos em duas tranças, que deixou cair pelas costas; não quis adornar o pescoço com seu adereço de brilhantes nem com seu lindo colar de esmeraldas; vestiu um finíssimo, mas simples vestido de garça, que até pecava contra a moda reinante, por não ser sobejamente comprido. Vindo assim aparecer na sala, arrebatou todas as visitas e atenções. (MACEDO, 2011, p.118)

O autor demonstra a questão relacionada à valorização da beleza natural, tão apreciada pelo Romantismo brasileiro oitocentista. Dessa forma, se por um lado o costume que muitas mulheres tinham de se importarem demasiadamente com a moda, bailes e saraus era considerado algo fútil, na sociedade brasileira do século XIX, por outro lado a conduta ideal seria então da mulher que valoriza o oposto disso, que seria a casa e a simplicidade na forma de agir e se vestir, além do recato. Sob este prisma, é Verona (2013, p.90) quem explicita que

Mas a beleza que de fato era destacada pelos romancistas não era esta relacionada a enfeites e a olhares e sorrisos meticulosamente estudados – o que valorizavam, de fato, era a discrição e o natural recato de damas pouco dadas aos artificialismos das “reuniões buliçosas”. (VERONA, 2013, p.90)

Dessa maneira, os bailes e saraus, por exemplo, que ocorriam nas casas das famílias cariocas, eram representados também nos romances, de forma que há uma conexão entre a realidade e a ficção. Assim, parte-se do pressuposto de que tanto a ficção quanto a sociedade compartilham influências mútuas, através da troca entre o leitor e a

obra (CHARTIER, 2002, p.24). Estas mútuas influências espelham-se inclusive na questão do comportamento feminino, que a partir do romance busca inspirar as leitoras a adotarem determinadas condutas, de forma que estas também inspiram a concepção das personagens.

É a partir da leitura que estas mulheres entram em contato em seus momentos de lazer com estas representações de comportamentos ideais, pois

Durante o Segundo Reinado vemos, portanto, que a leitura fazia parte da educação da mulher de elite. Essa modificação no direcionamento da educação feminina em relação ao período colonial contribuiu bastante para o florescimento do mercado editorial brasileiro. Um dos espaços encontrados pela literatura era o lazer da mulher de elite. O que podemos perceber é que o começo da educação que incentiva a alfabetização da mulher de elite coincidiu com o surgimento do romance nacional (década de 1840), sendo um dos principais fatores, se não o principal, do sucesso da forma “romance” no Brasil (AMARAL, 2001, p.106).

É interessante ressaltar inclusive, a valorização de habilidades que seriam vistas como adequadas e como sinônimos do comportamento exemplar feminino. Assim, acerca das prendas que eram apreciadas nas mulheres, no século XIX no Brasil: “Era de bom tom que essas mulheres conhecessem línguas estrangeiras, preferencialmente o francês, além do canto, da dança de salão e o dedilhar do piano.” (LELIS, 2016, p.42).

Sob este prisma, o romance “*A Moreninha*” apresenta algumas representações destas habilidades femininas valorizadas na sociedade oitocentista. Uma delas é o canto que, inclusive, as moças costumavam expor nos saraus, como mostra o trecho a seguir:

[...] aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no *écarté*, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafiando um sustenido; [...] (MACEDO, 2011, p.117).

Outra habilidade feminina comum à época é o bordado, que é evidenciado no romance a partir de um diálogo entre Augusto e Carolina:

- Eu julgo que ele está trabalhoso e perfeitamente marcado – disse Augusto
- É ir muito longe – respondeu a menina –; aí o tem, observe-o de perto, e repare que barafunda vai por aqui.
- Ora, eu acho tudo o melhor possível; ao muito, poder-se-ia dizer que este X foi marcado por mão de moça travessa.
- Quer dizer que foi pela minha? – adivinhou.
- Tem uma bela prenda, minha senhora.
- Que é muito comum. (MACEDO, 2011, p.144-145)

Depreende-se que Macedo aborda em seus romances representações femininas que condiziam com suas observações das mulheres da sociedade oitocentista carioca. Tal atenção consistia em perceber desde habilidades e comportamentos até a beleza, de forma natural tendo em vista que o autor estava inserido neste cotidiano. Sob este prisma, Amaral (2001, p.106) aponta que outra grande influência para Macedo ter noção destas percepções foi a experiência de poder contribuir com a revista “*A mulher do Simplicio; ou A fluminense exaltada*”, que era editada por uma mulher – Paula Brito. Ademais ela ainda propõe que

Macedo era colaborador da revista de Paula Brito, quando ainda era um estudante de medicina, antes, portanto, da publicação de *A Moreninha*. Ao publicar o seu primeiro romance, nosso autor já era familiar ao público feminino e, dada a sua participação na revista, os assuntos que interessavam as mulheres já eram conhecidos seus. Nesse sentido, não deve ter sido coincidência, Macedo descrever tanto as modas femininas, bem como em todos os seus romances criar capítulos onde descreve teatros, bailes, saraus e namoros. (AMARAL, 2001, p.107)

Acerca da representação dos namoros por Macedo, o romance “*A Moreninha*” se encerra justamente com a descoberta da paixão entre Augusto e Carolina. Ambos haviam se conhecido na infância durante um dia que passaram juntos na praia e que os marcou para sempre. Foi assim que, entre uma brincadeira e outra, Augusto demonstra ter se apaixonado quase que instantaneamente por Carolina, de forma que este encontro é narrado de forma a idealizar a ingenuidade, a beleza e a pureza da menina e do amor que ambos sentiam. É Augusto quem narra o diálogo entre os dois:

- Sou bonita ou feia? ...

Eu quis responder-lhe mil coisas... corei... e finalmente murmurei tremendo:

- Tão bonita!...

- Pois então – tornou-me ela –, quando formos grandes, havemos de nos casar, sim?

- Oh!...pois bem!...

- Havemos – continuou o lindo anjinho de 7 anos –, eu o quero... Olhe, o meu primo Juca me queria também, mas ainda ontem quebrou a minha boneca... ora, o marido não deve quebrar as bonecas de seu mulher!... Eu quero, pois, me casar com o senhor, que há de apanhar bonitas conchinhas para mim... Além disso ele não tem a cor rosada...

- Porém eu gosto mais dos cabelos pretos...

- Melhor!... melhor!... – exclamou a menina, saltando de prazer. – Olhe: os meus são pretos!

E nisto ela puxou com sua pequena mãozinha um de seus belos anéis da madeixa, para mostrar-mo, e largando-o depois, eu vi cair outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol. (MACEDO, 2011, p.63)

Depreende-se aqui mais uma vez a representação da exaltação não apenas da beleza natural da menina e da pureza, como também dos traços brasileiros, como os cabelos pretos. Desta maneira, percebe-se que anos depois, durante a estadia de Augusto na ilha, ele e Carolina novamente se apaixonam sem saber que eram velhos conhecidos de infância. Apenas quando decidem se casar e recebem a permissão da família é que os dois jovens descobrem que eram aquelas crianças que se conheceram na praia.

Nesse sentido, há a idealização de um sentimento ligado à pureza, que resiste à passagem do tempo, há assim, a exaltação do amor. Valorização esta típica do romantismo nacional: “No Brasil, todos os românticos elegeram o amor tema fundamental de suas obras e, do ponto de vista do romance, é possível afirmar que foi esse tema que forneceu substância a todos os demais.” (COUTINHO, 1986, p.302).

Antes de se casarem, foi necessário que o pai de Augusto e a avó de Moreninha, D. Ana, conversassem sobre os interesses dos jovens em se unirem e é a partir daí que ficam evidentes dois pontos interessantes: um deles é a valorização do casamento por amor, típica do romantismo. Assim, isto se contrapunha às uniões burguesas por interesses, no Brasil oitocentista, sendo estes relacionados a posições sociais, por exemplo, de forma que o romantismo brasileiro valorizava o casamento por amor (COUTINHO, 1986, p.302).

O outro ponto é a importância da autorização dos familiares neste tipo de união. No século XIX, no Brasil, entre as classes abastadas, era comum que as famílias considerassem o casamento como um acordo, que tinha por objetivo obter determinadas vantagens, como, por exemplo, a transmissão da herança (FARIA, 2017, p.40). Assim, depreende-se que a interferência familiar na união conjugal, ainda que em “*A Moreninha*” o casamento seja por amor, se faz presente no romance, de forma que, no fim, o casal obtém o consentimento da avó de Carolina e do pai de Augusto.

É a partir então da descoberta do amor de Augusto por Moreninha que ele perde a aposta combinada com Filipe no início da obra. Assim, Macedo descreve esta como sendo a forma ficcional de surgimento do romance “*A Moreninha*”, cujo narrador é Augusto.

Por fim, a partir dos apontamentos percebe-se a intenção de Joaquim Manuel de Macedo em representar em seu romance a sociedade oitocentista brasileira, a partir dos indivíduos abastados, em diversos aspectos. Categorias estas que perpassavam a representação de ideais femininos voltados tanto para a aparência quanto para os comportamentos, de forma que o amor e as relações a partir dele, como o casamento,

também se fazem presentes em “*A Moreninha*”, contribuindo, assim, com a intenção de educar a leitora oitocentista brasileira a partir de ideais como castidade, pureza e recato.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos apontamentos e análises decorrentes desta pesquisa é possível inferir que a obra “*A Moreninha*”, que foi publicada em 1844, por Joaquim Manuel de Macedo e estava inserido no Romantismo nacional, apresenta características ligadas à representação de condutas femininas. Dessa forma, o contexto oitocentista de formação da nação brasileira, a partir da educação da mulher, que era voltada a exposição de condutas tidas como adequadas, é um fator presente no romance. Nesse sentido, “*A Moreninha*” é uma obra de caráter pedagógico, na qual as leitoras poderiam encontrar exemplos de comportamentos valorizados pelo autor, bem como pela sociedade vigente.

Sob este prisma, depreende-se que o conceito de representação proposto por Roger Chartier pôde abarcar a questão da relação entre a realidade oitocentista brasileira e a ficção romântica de Macedo, de forma que a obra analisada nesta pesquisa foi influenciada pela sociedade a qual estava inserida, seja quanto à representação de comportamentos femininos valorizados, como a castidade, seja em relação à inclusão, no romance, de ambientes de socialização dos indivíduos abastados, por exemplo, como os saraus. Nesse sentido, “*A Moreninha*”, enquanto uma obra que tinha como objetivo educar as leitoras, não apenas representa a realidade a partir de elementos como: suas personagens e ambientes retratados, assim como a modifica, pois atua sobre ela, ao objetivar educar as mulheres.

Dessa forma, o romance em questão foi tido no decorrer desta pesquisa enquanto fonte histórica de acesso à moral feminina valorizada por Macedo, de forma que foi percebida a representação de aspectos considerados adequados à conduta da mulher oitocentista, tanto pela sociedade vigente quanto pelo autor.

Tendo em vista que a forma de agir das leitoras seria moldada por exemplos, como a partir da conduta da personagem Carolina, infere-se que a obra buscou transformar a realidade a qual estava inserida. Assim, depreende-se que da mesma forma que o romance foi influenciado pela sociedade brasileira oitocentista em sua elaboração, concomitantemente, ele também contribuiu com a transformação desta realidade, tendo em

vista o seu objetivo pedagógico. Assim, pôde-se chegar à conclusão a partir da análise de “*A Moreninha*” que houve a representação feminina a partir da valorização de ideais como: pureza, juventude, castidade, simplicidade, recato, bondade, além da beleza natural e tipicamente brasileira – características estas condensadas na personagem Carolina.

Moreninha é uma jovem que representa inclusive o ideal do Romantismo de valorização do casamento por amor, a partir da pureza dos sentimentos e da ingenuidade do amor verdadeiro que resiste ao tempo. Pode-se depreender que apesar da personagem ser representada em muitos momentos como travessa, por outro lado, esses comportamentos eram associados não a maldade e sim, a imaturidade e a castidade. Sendo assim, a figura feminina ligada a ideais relacionados à submissão é um aspecto presente na representação de Macedo, tendo em vista que o autor valorizou a representação da mulher enquanto indivíduo de comportamento casto que estimava o casamento e o ambiente familiar.

Por fim, conclui-se que o fato de “*A Moreninha*” ter sido reconhecida por grande parte da crítica brasileira oitocentista enquanto obra de caráter moral, portanto adequada à leitura feminina, é expresso pelo autor através de algumas associações ligadas à pureza. A representação dos ideais comportamentais femininos de castidade, simplicidade, recato e boas maneiras estavam associados não apenas à conduta, de forma que eram refletidos, inclusive, nas vestimentas e na beleza física. Em suma, conclui-se a partir desta pesquisa que havia então uma concomitância entre o que era valorizado por Joaquim Manuel de Macedo e grande parte da sociedade brasileira oitocentista quanto à conduta feminina ligada aos ideais de castidade.

## FONTES

Anúncio A Moreninha. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 286, p.4, 20 set. 1845.

Anúncio O cego. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXIV, n.232, p.3, 28 ago. 1849.

A Moreninha ou Um mez dos amores de um estudante. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 344, p.4, 14 dez. 1848.

MACEDO, J. M. de. **A Moreninha**. 6ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

MELLO, A. F. D. e. A Moreninha, **Minerva Brasiliense**, v. II, n. 24, p.746-751, 15 out.1844.

Theatro de S. Januario. A comedia – A Moreninha ou Um mez dos amores de um estudante. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 345, p.1, 18 dez. 1848.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, J. de. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1893.

AMARAL, S. P. do. **Uma nação por fazer: escravos, mulheres e educação nos romances de Joaquim Manuel de Macedo**. 2001. 151 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

AUGUSTI, V. **O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois Amores**. 1998. 237 p. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

ALMEIDA, L. T. de. **Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo**. 2008. 116 p. Dissertação (mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

BOSISIO, R. A. D. **Entre o escritor e o historiador: a história do Brasil imperial na pena de Joaquim Manuel de Macedo**. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**. 2.ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp, 2008.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária**. 7 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

CARVALHO, F. A. L de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41423>. Acesso em: 22 maio 2021.

COUTINHO, A. **Literatura no Brasil: Era romântica**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

CHARTIER, R. **A História cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.13, n.24, p.15-29, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/nocaoderepresentacao.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

CHALHOUB, S. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

DIAS, R. de A. O contexto histórico e as mudanças na recepção crítica de *A Moreninha*. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n.45, p. 19-38, dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/31349/pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

D'INCAO, M.A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p.223-240.

FARIA, D. R de. A família nuclear burguesa e a ressignificação do feminino no Brasil do século XIX: um estudo a partir do romance *Senhora*. **Letras Escreve**, Macapá, v.7, n.4,

p.31-57, 2º semestre, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3097>. Acesso em: 22 maio 2021.

GRECCO, G. L. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v.6, n. 11, p.39-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10546>. Acesso em: 21 maio 2021.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão (et al). Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LELIS, F. de. O. **Discursos e sentidos sobre a educação feminina na corte, século XIX**. Uma reflexão histórica da “Polyantheia comemorativa de inauguração das aulas para o sexo feminino imperial Lycêo de Artes e Offícios”. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

MONTE, A. P. N do. **Jornalismo e literatura no século XIX**: as crônicas de Joaquim Manuel de Macedo. 2013. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NASCIMENTO, J.F. dos; SILVA, J.B. O ideal romântico de Joaquim Manuel de Macedo: símbolos e enigmas da obra *A Moreninha*. **Revista Água Viva**, [S.L], v.2, n.2, ago./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/10341>. Acesso em: 22 maio 2021.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SALES, G. **Palavra e sedução: uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826-1881)**. 2003. 387 p. Tese (Doutorado em Teoria da História da Literatura) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2003.

SEVCENKO, N. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 1995. 4ª ed. Reimpressão, São Paulo: Brasiliense, 1999.

VERONA, E.M. **Da feminilidade oitocentista**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.